



OS DONOS DO BANCO: OBSERVAÇÕES SOBRE A PRAÇA SAINT PAUL EM PARIS¹

GONÇALVES, Ana Paula Casassola²

RESUMO

Este artigo pretende fazer uma discussão sobre as diversas formas de práticas sociais e suas relações com a apropriação do espaço tendo como objeto a Praça Saint Paul no centro de Paris (França). A partir de uma abordagem que se baseia em dados empíricos de observação de campo e de discussão bibliográfica sobre o tema da apropriação urbana e suas relações com o conceito de ambiente, assim como o de inclusão social, pretendemos demonstrar que existem formas de apropriação na praça objeto de nosso estudo, que são inusitadas e estão fora do que comumente é levado em consideração nos estudos sobre o urbano. Essas mesmas formas de apropriação são reveladoras de contradições entre o espaço concebido e o espaço vivido nas suas diferentes escalas e podem trazer elementos de reflexão sobre o espaço público e os espaços da cidade de uma forma geral. Nesse sentido, esse artigo almeja contribuir com uma busca por pensar um desenho de cidade que incorpore de maneira mais integral a diversidade do comportamento humano, ou em outras palavras, assuma a idéia de alteridade como premissa de estudo e concepção de espaço público.

Palavras-chave: Espaço Público; Direito à Cidade; Praças; Apropriação do espaço.

ABSTRACT

This article intends to discuss the various forms of social practices and their relationships with the appropriation of space having as object the Place Saint Paul in the center of Paris (France). From an approach that is based on empirical data from field observation and discussion of the literature on the topic of urban settlement and its relationship to the concept of environment as well as social inclusion, we intend to demonstrate that there are forms of ownership in the square object of our study, which are unusual and are outside of what is commonly taken into account in studies on the urban. These same forms of ownership are revealing the contradictions between the conceived space and lived space in its different scales and can bring elements of reflection on public space and the spaces of the city in general. Thus, this article aims to contribute to a search for a design thinking city that incorporates a more integral manner the diversity of human behavior, or in other words, take the idea of otherness as a premise for the study and design of public space.

Keywords: Public Space, Right to the City; Squares; Appropriation of space.

¹ EIXO TEMÁTICO: Produção do Espaço Urbano.

² Pós-doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (UFPB), anacasassola@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende expor alguns apontamentos sobre a Praça Saint Paul em Paris tendo como eixo estruturante as idéias que: 1: o espaço induz comportamentos; 2-os limites espaciais às vezes também são limites sociais e 3-disso resulta que as diferentes formas de apropriação do espaço retroalimentam as características desse mesmo espaço. 4- às diferentes formas de apropriação também estão vinculadas a constituição de diferentes ambientes; 5-Tudo isso tem uma importância fundamental para pensarmos em espaços mais inclusivos e democráticos.

Com relação ao primeiro conceito, pudemos constatar na Place Saint Paul que as características morfológicas dos espaços da praça são determinantes para os diferentes tipos de apropriação que ocorrem naquele mesmo lugar. O simples fato de um banco de praça estar mais escondido atrás de um banheiro público propicia para que ele seja apropriado na maior parte do tempo do dia por um determinado grupo de “errantes”³ ao passo que outro banco situado numa forma mais “tradicional” de espera é ocupado preferencialmente por adolescentes e velhinhos.

Existem vários outros exemplos onde o espaço induz comportamentos nessa Praça. Existe uma característica marcante dessa mesma que contribui para esse processo. Trata-se do fato da Place Saint Paul ser um espaço rattaché, compartilhado entre veículos e pedestres. Mas não é somente isso, seu desenho de praça possibilita diversos microclimas, diversos pequenos ambientes que interagem entre si.

Esses ambientes são resultado e produtores ao mesmo tempo de diversas formas de apropriação da praça. Através desses ambientes alguns grupos se enraízam naquele espaço de forma às vezes permanente ou transitória, mas com modos de fazer o cotidiano que tangem a subversão.

Essa questão residual da Praça nos permite refletir sobre o papel do urbanista e de pensar o urbanismo enquanto ciência que incorpore esse ponto de vista das pessoas supostas, ou da práxis social em seus planejamentos e desenhos de cidade.

³ A expressão “errante” utilizada nesse texto tem relação com a ideia de “errância” ou seja, atitude daqueles que andam “sem rumo” pela cidade.

SEURB

II Simpósio de Estudos Urbanos:

A dinâmica das cidades e a produção do espaço

2. CARACTERIZAÇÃO GERAL DA PRAÇA

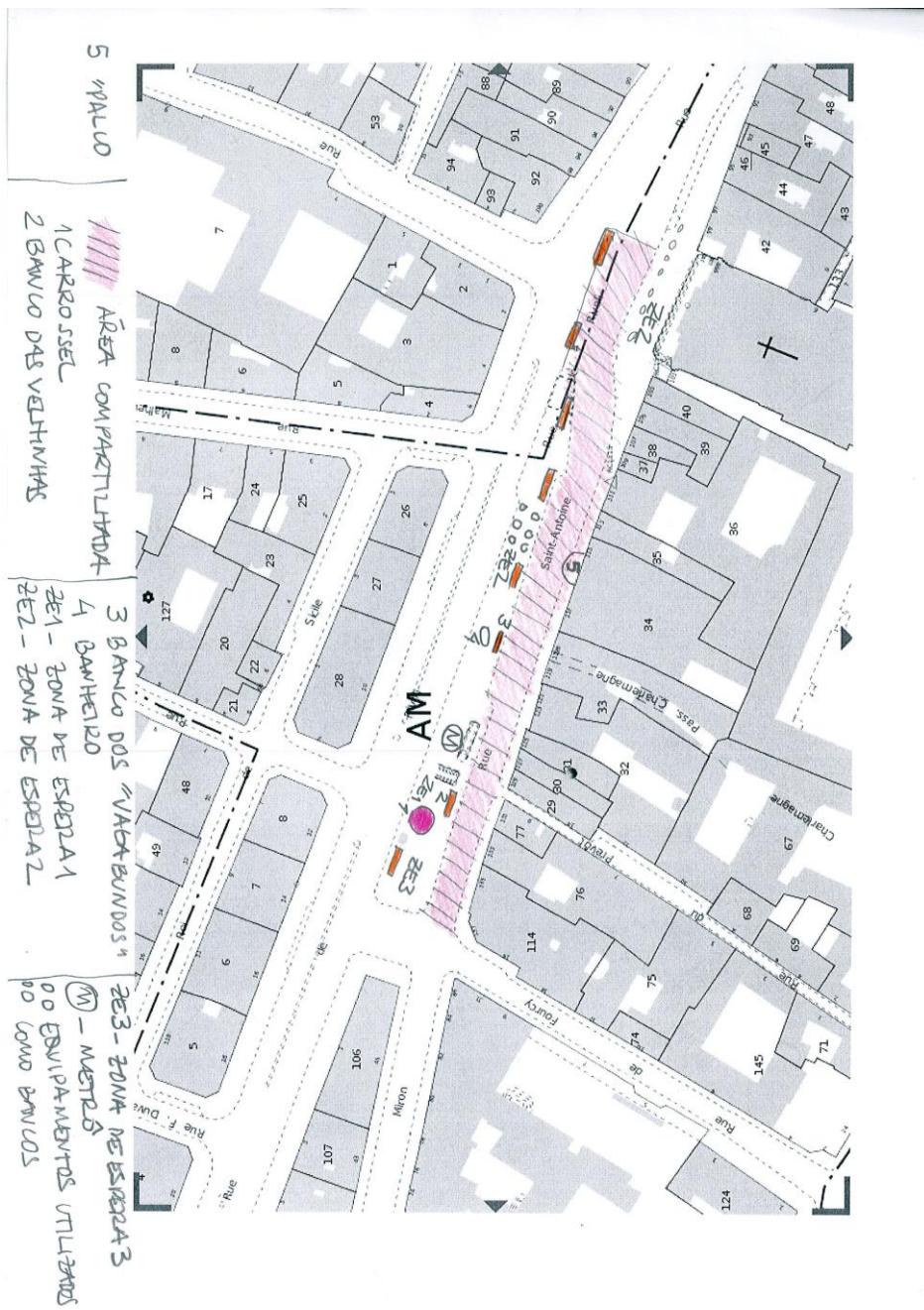


Figura 1 – Planta da Praça Saint Paul sem escala

Fonte: Arquivo da autora, julho de 2011

A Praça Saint Paul se situa entre o 3º e o 4º arrondissement de Paris e possui várias particularidades. A principal delas é que sua morfologia não está construída a partir do cruzamento de esquinas mas a partir da linearidade de uma rua (Rua Saint Antoine) que



possui uma área compartilhada (ver mapa) ou seja, uma área onde pedestres dividem espaço com veículos. Sendo que esses veículos podem ser de transporte público ou veículos de vizinhos autorizados. Isso significa que essa praça tem um chão que às vezes é praça e às vezes é rua e apesar desse espaço ser muito disputado para circulação não notamos conflitos entre os pedestres e os motoristas que passam por lá. Muito pelo contrário, a impressão que dá é que ambos, motoristas e pedestres tocam os mesmos acordes dessa orquestra da circulação dentro da Praça.

Outra característica especial da praça é que nela existem uma saída de metrô e um carrossel lado a lado que estabelecem ritmos diferentes em diferentes zonas da praça. Conforme demonstrado no mapa há diferentes zonas de espera. Há uma espera mais ansiosa e tensa que fica entre o carrossel e o metrô (Zona de espera 1) e zonas de espera mais introspectivas que ficam atrás do carrossel e ao longo da rue Saint Antoine até chegar a Igreja de Saint Paul.

A Zona de espera 3 possui ainda mais uma particularidade, além de ser às vezes a espera dos pais dos seus filhos que brincam no carrossel. Em outros momentos essa zona de espera é de habitantes freqüentes na praça quando a espera se mistura com um devaneio, uma contemplação do lugar.

Existem dois pontos que consideramos especiais na Praça: o “banco das velhinhos” e o “banco dos errantes”. O primeiro como o próprio nome diz, é ocupado na maioria das vezes ou por adolescentes ou por velhinhos. O segundo banco é ocupado geralmente pelo mesmo grupo de desocupados da praça que se reúnem para conversar, beber e fumar e às vezes pedir dinheiro aos transeuntes. Existe um senhor que está sempre presente nesse banco e que já foi visto deitado no mesmo. Ele notou que fazíamos a observação e conforme esclareceremos a seguir isso não foi problema para a nossa pesquisa. Esse mesmo senhor foi visto fazendo xixi atrás do banheiro numa situação inusitada com a praça movimentada e com o banheiro funcionando o que coloca em xeque as estruturas e os usos aos quais se destinam quando se trata de projetar espaço público.

Existe ainda na praça uma área que denominamos “palco” por ser um lado da calçada da Rua Saint Antoine onde foram identificados diversos atores urbanos em momentos diferentes, mas sempre com algum tipo de apropriação daquele espaço. Nesse “palco” foi visto uma vez um flautista desafinado que dançava e cantarolava sem se importar com o



impacto que estava gerando nas pessoas e sem deixar claro também se fazia isso por dinheiro ou não.

Em outros momentos esse “palco” foi ocupado por personagens que ocupavam esse espaço numa posição de pedinte.

3. O MÉTODO

Este artigo é produto de aproximadamente 10 observações diretas que foram feitas na sua maioria no mesmo dia e no mesmo horário: terça-feira das 17 as 17hs45. Também comparecemos à praça de manhã umas 3 vezes para poder comparar os diferentes usos e ocupações, apropriações de acordo com os horários.

Durante nossas observações, agimos com uma certa discrição mas não nos preocupamos em não interferir no objeto pois partimos do princípio que a nossa presença de estrangeira na praça já estabelecia pequenas variações na forma como alguns grupos se apropriavam.

Em alguns momentos fomos flagrados tirando fotos e isso interferiu deveras no resultado da observação, mas não estamos preocupados com isso pois acreditamos que não existe a neutralidade no trabalho de campo e nem em momento nenhum da pesquisa.

Além disso, temos como pressuposto metodológico uma corrente denominada “pesquisa-ação” que se trata de um tipo de pesquisa onde ambos sujeito e objeto de estudo estão numa interação permanente não havendo uma separação estanque entre ambos.

A minha presença impôs alguns comportamentos em alguns atores da praça como o “errante” que quase veio tirar satisfação pelo fato de eu tirar fotos do “seu” banco. Ou ainda o morador de rua que depois de uma atitude “anti-urbana” porque não era racional, posou para uma foto e depois veio me pedir um euro para tomar café.

4. A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO: CONCEITOS SOBRE A PRAÇA

A praça é o lugar da troca por excelência, lugar para expor e ser exposto, lugar da coisa pública, do espetáculo e ao mesmo tempo dos diversos tipos de pertencimentos que



expressam os diversos atores sociais. Cabendo ressaltar que os movimentos sociais, as diferentes formas de militância não são objetos realmente explorados pela geografia e nem pela arquitetura, devemos lembrar que o espaço é necessariamente o lugar das relações sociais, relações de poder. E a praça é a arena de disputa de tudo isso. Todo movimento social tem necessariamente uma dimensão espacial não negligenciável. O espaço da praça, assim como da rua, são os palcos, espaços meios e modalidades dos movimentos ou conflitos sociais.

Ainda em outras palavras, a praça é o lugar da estrangeidade, espaço do estranhamento, onde são colocados em xeque as causas e os efeitos de um tal pertencimento, de um determinado poder.

A apropriação ocorre quando através de uma determinada ocupação do espaço, o indivíduo gera uma certa exclusividade e pertencimento com o passar do tempo. Isso significa que existe uma temporalidade dentro do conceito de apropriação. Isso ocorre com o que convencionamos chamar de “banco dos errantes” que é um banco com forme já mencionado ocupado com certa exclusividade por desocupados que fumam, bebem e conversam. Um grupo por volta de quatro ou cinco mas um está sempre presente e alguns têm o hábito de pedir dinheiro de vez em quando para as pessoas da praça.

A apropriação contribui ao ser e ao indivíduo da sociedade e por outro lado é a principal fonte de conflitos. Na sociedade moderna existe uma tendência à negação desses conflitos como se o espaço público devesse ser apenas harmônico, lugar do consenso. Há uma certa urgência em se pensar a praça como ágora grega, lugar do exercício da democracia desde as suas origens, espaço do consenso mas também do dissenso.

A forma como ocorrem as apropriações na Place Saint Paul também nos lembra que o direito à rua é uma conquista cuja legitimidade e legalidade estão sempre suscetíveis de serem postos em questão. Ao mesmo tempo em que o urbanismo através desses exemplos nos demonstra que não é capaz de dar conta de tudo que existe certo grau de incerteza sempre que lidamos com espaço público por estarmos falando essencialmente de pessoas supostas. Também dessa forma a praça de assemelha ao teatro da vida.

Existem vários palcos na Place Saint Paul. E várias formas de apropriação. Isso é de fundamental importância porque é através da apropriação e do uso do espaço que o homem existe, se exprime, se impõe, se demarca, se constrói e se reproduz. Entretanto existe uma



diferença entre a apropriação do espaço concebido e do espaço vivido. E é nesse conflito que se encerram as questões que podem ser extraídas para nós, geógrafos e urbanistas desse objeto de estudo.

Em outras palavras ou sob outra linguagem: Por que existem na praça diferentes tipos de espera de acordo com as características do lugar onde o indivíduo se encontre? Por que o banco atrás do carrossel tem uso distinto do banco atrás do banheiro e do banco ao lado da saída do metrô? Isso fazia parte do projeto? Quais as formas que induzem determinados usos?

Quais os limites entre uso, ocupação e apropriação?

Considerar a apropriação do espaço convida a não perder de vista jamais as desigualdades sociais e as relações de força e de poder que atravessam toda a sociedade. Na dinâmica da praça Saint Paul, percebemos que há moradores de rua mas que não vivem lá, apenas permanecem por algum período do dia e da noite. Isso ressalta a característica da praça como espetáculo do teatro da vida além de ressaltar a temporalidade do conceito de apropriação.

Isso tudo nos faz lembrar que a palavra apropriação tem um conceito jurídico inseparável, porém insuficiente. Significa propriedade, também possessão, riqueza, bem, capital, patrimônio, etc. Mas no caso da praça é como se o banco das velhinhos e o banco dos “errantes” estivessem “marcados”. Podemos dizer com certeza que a forma como esses equipamentos se apresentam na estrutura daquele lugar favorece formas distintas de apropriação. A temporalidade nos faz lembrar que não é necessário que haja sempre alguém no banco dos “errantes” para que ele seja real, mas quando estão reunidos enquanto grupo, a identidade desse mesmo está sempre presente naquele mesmo lugar.

Também gostaríamos de ressaltar que segundo o contexto, a localização dos corpos e suas propriedades sociais, o simples fato de vagar pelo espaço público pode ser permitido ou interditado e sancionado. Um dos moradores de rua que ocupam a praça mas que quase nunca está em grupo, um senhor de idade, vaga através da praça como se estivesse procurando alguma coisa. Vai até um ponto de observação ou zona de espera 2 (onde as pessoas são mais introspectivas) e fica a observar o descarregamento de um caminhão. Depois volta e depois aparece novamente. Naquela praça há uma permissividade com relação a esse tipo de comportamento, a esse tipo de deriva. O mesmo podemos dizer dos homens do banco dos



“errantes” que de repente começam a pedir dinheiro aos taxistas ou ao lado do banco para as pessoas que vão retirar dinheiro. Aquele espaço não está interditado para isso.

Apesar da apropriação ser quase sempre coletiva, como ocorre no banco das velhinhos e no banco dos “errantes”, há corpos autônomos que como já salientado, ora vagueiam, ora esperam alguém ou ainda esperam alguma coisa que não conseguimos definir o que é. Na esquina da Rua Saint Antoine, atrás do carrossel, há sempre um homem com uma bolsa pendurada numa placa informativa de Paris, que não parece ser pedinte e que conhece alguns que passam, inclusive uma velhinha que já parou para conversar com ele mais de uma vez. Mas afinal quem é esse personagem? Por que ele está sempre naquele canto? E como se nós estivéssemos querendo testá-lo perguntamos a ele a que horas abria o carrossel e ele respondeu normalmente: “às 14hs”.

Esse uso autônomo ou mais ou menos sem um controle social explícito é mais ou menos forte segundo os grupos e os espaços. Existem limites na Praça Saint Paul pois nem tudo é permitido ou consentido, não trata-se de um lugar onde tudo ocorre. Mas existe uma série de comportamentos que surgem lá que estão de acordo com sua estrutura, com práticas mais ou menos visíveis da simples ocupação à apropriação do espaço.

Na praça Saint Paul há também contradições entre o concebido e o vivido. Isso ficou claro, por exemplo, quando flagramos o homem “líder” do banco dos “errantes”, urinar atrás do banheiro, sendo que este último não tinha fila e também não estava quebrado. A Praça estava lotada e ele ficou alguns minutos nesse ato de excreção. Isso tem relação com um determinado controle do espaço que os indivíduos que se apropriam do mesmo fazem questão de demonstrar.

Para esses grupos que se apropriam podemos perceber além do já exposto, um vínculo afetivo, um sentimento de pertencimento que não pode ser invadido. Alguns autores chamam isso de apropriação simbólica que faz parte de uma identidade social. O aspecto simbólico é importante para a legitimidade da apropriação. Os valores culturais imateriais se combinam estreitamente aos valores materiais resultando na formação de significados.

E afinal de contas, em se tratando de espaço público: todos são donos dos lugares? Todos são livres igualmente para ir e vir? Pelo que já foi exposto podemos dizer que não e isso está claro no nosso objeto de estudo. Tivemos oportunidade de perceber que nossas observações invadiram determinados espaços e obtivemos respostas disso em alguns



II Simpósio de Estudos Urbanos:

A dinâmica das cidades e a produção do espaço

momentos como no dia em que um homem do banco dos “errantes” se levantou e veio em minha direção dizendo alguma coisa que não ouvi, mas que pude perceber que era ofensiva. De fato, nós invadimos seu espaço. Mas quem foi que disse que eles não podem ser fotografados? Isso deixa claro que há conflitos com relação à apropriação.

Por todo exposto podemos dizer que o espaço não somente induz comportamentos e formas distintas de apropriação como também os limites espaciais às vezes também estabelecem limites sociais. Assim ocorre com o banco dos “errantes” e assim também ocorre com a zona de espera dois.

A ação social também estabelece limites que ficam incorporados ao espaço. Como exemplo disso, podemos citar a região que denominamos de “palco” onde já houve o “show” de um flautista desafinado e a atuação de um pedinte discreto. O flautista desafinado tirou partido de uma característica marcante daquele lado da calçada. Um lugar que está fora da circulação frenética do metrô e fora também das zonas de espera. A pista compartilhada de circulação era seu palco e não havia clareza se ele fazia isso por dinheiro ou por simples prazer.

A presença do flautista estabelecia um limite para os demais transeuntes. Ele se apropriou daquele “palco” e ninguém atravessava ou interferia no seu “show”. Naquele momento, ele era “dono do lugar” e seu acesso não era permitido a todos. Isso não significa dizer que não houvesse interação com os transeuntes da praça – a “platéia”. Ele pousou para algumas fotos de um observador secreto. Depois desse dia, quando não havia mais flautista ou pedinte discreto no “palco” parecia que aquela área estava vazia. Isso significa dizer que o flautista foi incorporado à memória da praça.

Como já dissemos, o aspecto simbólico é importante para a legitimidade da apropriação. Isso ocorreu tanto com o flautista como com o homem urinando atrás do banheiro. Quais eram os significados dessas ações? Sambar com uma flauta talvez por dinheiro, e urinar atrás de um banheiro que funciona? Existe uma questão simbólica em ambas as atitudes.

Tudo isso nos faz lembrar que a cidade por mais racional que seja não está submetida a um sistema perfeito. Existem resquícios fragmentados e fragmentantes de um desejo de cidade que está por se realizar. O flautista desafinado é um exemplo disso.



Conforme já comentado o homem que urinou atrás do banheiro é um resquício do controle social. Na verdade ele que tinha o controle. Quase que com uma ação instintiva dos animais para demarcar o território: “Aqui é meu e ninguém tasca!”

Outra questão que se coloca diante do exposto é se todos teriam o mesmo direito? Devemos refletir como se legitimam determinadas práticas a partir de uma estrutura espacial dada. Sempre lembrando que essa estrutura espacial é estruturada e estruturante. (O flautista tirou partido de uma estrutura e por sua vez se incorporou à mesma).

Mais uma vez, a palavra estrutura não encerra somente características materiais tangíveis, mas também aspectos simbólicos do que BOUDIEU chama de capital cultural (2001).

5. A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO E A FORMAÇÃO DE AMBIENTES

Também podemos dizer que as diferentes formas de apropriação do espaço em Saint Paul que resultam de características morfológicas da praça além das características dos atores da mesma, também constituem ambientes distintos. As zonas de espera são ambientes distintos assim como o carrossel e o metrô são determinantes na constituição desses ambientes.

Para alguns autores o ambiente é uma percepção imediata do lugar a partir do conjunto de fenômenos físicos que participam à percepção sensível do meio ambiente construído. Através dos ambientes podemos estudar os espaços e também sua concepção. Aprender a perceber os ambientes urbanos permitiu melhor perceber as dimensões culturais da história, do urbanismo, do uso, da apropriação do espaço de uma forma geral e os campos de ação aos quais esta está submetida.

Os diferentes ambientes urbanos também permitem as diferentes intervenções sobre o espaço urbano. O ambiente pode ser um instrumento de ação desse mesmo espaço. Nesse sentido o conceito de ambiente se aproxima do caráter instrumental da praça como espaço político de ação, onde as contradições se revelam e onde é possível apreender os diversos fenômenos de uso ocupação e apropriação. Entender por exemplo, por que a zona de espera 1

SEURB

II Simpósio de Estudos Urbanos:

A dinâmica das cidades e a produção do espaço

é diferente da zona de espera 2 pode ser muito enriquecedor para os urbanistas e para qualquer um que trabalhe com o uso, ocupação e apropriação do espaço.

Um ambiente urbano é uma retranscrição da paisagem urbana onde predomina uma análise cultural por uma aproximação visual, simbólica e sensorial com um espaço concreto. Não trata-se somente de uma paisagem pois interfere em nossos sentidos diretamente.

O ambiente depende da experiência, é imediato, difuso e indivisível, nós podemos apreendê-lo, mas para alguns autores, não podemos duplicá-lo. Isso porque o ambiente também depende da ação de seus atores. Sendo assim, as zonas de espera da praça depende do frenesi de todos os transeuntes que entram e saem do metrô Saint Paul, além dos diversos eixos de circulação da Rue de Rivoli e da Rue Saint Antoine assim como também das crianças do carrossel, das mães que as esperam, etc. O espaço sem esses atores não seria ambiente seria somente espaço. O ambiente está intimamente ligado com o conceito de experiência e de corpo. Existe uma importância fundamental em levar em consideração as dimensões do corpo nos estudos sobre ambientes e apropriação do espaço. Como que os corpos se comportam?

Nós recordamos de uma atitude que consideramos anti-urbana, pois não conseguimos decifrá-la. Um morador de rua que está sempre na praça observa o descarregamento de um caminhão. Andou de um lado para o outro e enfim parou num tronco de espera na zona de espera 2. Depois sumiu na multidão. Será que ele procurava alguma coisa? Por que observava de vários pontos diferentes o descarregamento do caminhão? Esse mesmo homem foi visto por nós em outra oportunidade também na zona de espera dois sentado, bebendo suco calmamente. Quais os códigos corporais aos quais esses atores urbanos estão submetidos?

Outra questão que gostaríamos de salientar com relação aos ambientes na place Saint Paul é que existe uma questão de transitoriedade e de permanência ao mesmo tempo. Assim como para a apropriação do espaço, a temporalidade também se faz presente para a constituição dos diversos ambientes. Alguns ambientes só existem por determinados períodos como o carrossel e o metrô por exemplo. Por outro lado, apesar desses ambientes serem transitórios, em seus horários de funcionamento, a sua funcionalidade predomina e engaja os seus respectivos usos.

A percepção se constrói de maneira intuitiva, ela elabora unidades de medida que não são métricas e padronizadas, mas qualitativas. O ambiente é mais do que a soma das partes, exatamente porque depende dos corpos em movimento, da subjetividade de cada um que



compõe o mesmo. Existe uma ligação do ambiente com o imaginário onde o real e a ficção se misturam, assim como na minha dúvida sobre o homem que observava o caminhão ou assim como o homem que está sempre na esquina a espera de alguém ou de alguma coisa mas sempre contemplando a praça.

Por tudo exposto podemos dizer que o ambiente constitui um conjunto aberto, compatível com um pensamento de multiplicidade e cuja expressividade varia em função dos meios reencontrados. Cada signo é uma mediação sensível que muda a experiência de um mundo desconhecido.

Assim como nas diferentes zonas de espera da praça e no ambiente criado pelo carrossel, existe uma tensão e um ritmo do ambiente. Isso fica claro quando cruzamos os diferentes eixos de circulação da praça e mais uma vez seus diferentes momentos de espera.

6. O SENTIDO DA PRAÇA: CAMINHANDO PARA UMA CONCLUSÃO

Os diferentes ambientes da Praça que estão intimamente ligados com a estrutura morfológica da mesma e suas diferentes formas de apropriação deixam claro a falácia do discurso sobre uma suposta morte do espaço público no mundo pós-moderno.

As diferentes formas de apropriação do espaço desse objeto de estudo apesar de não terem características de uma praça moderna clássica de separação de funções, possuem uma vitalidade incrível na forma de retroalimentar esses mesmos espaços através de suas apropriações. Trata-se de um espaço que talvez assuma a desigualdade e assuma que “o espaço público é o lugar das indiferenças, ou seja, onde as afinidades sociais, os jogos de prestígio, as diferenças quaisquer que sejam devem se submeter às regras da civilidade” (GOMES APUD SOBARZO, 2006, p. 2)

Ao mesmo tempo, existe um lado daquele espaço público que não se submete a essas regras e nem por isso deixa de ter vida e de interferir no espaço. Existem estranhezas na praça conforme narramos em algumas ocasiões e essas estranhezas também são produtos e produtoras do espaço público.

Fica para nós a questão sobre o que esse espaço oferece em termos de encontro, de falas, de olhares, de discursos? Não se trata de um espaço onde tudo seja permitido conforme



II Simpósio de Estudos Urbanos:

A dinâmica das cidades e a produção do espaço

já mencionado, mas as estranhezas existem assim como as pequenas subversões. Existe uma dimensão corporal em tudo isso que nos esclarece que o espaço público não pode ser resumido à dominação política, acumulação de capital e realização da vida humana. Existe uma dimensão poética de percepção, apreensão que faz parte dos diversos ambientes e das diversas formas de apropriação do espaço.

O corpo fala e dentro dessa fala está mais do que a falência da separação de funções da Modernidade e nessa fala que está escrita na cidade “há produção das representações, das idéias, das verdades, assim como das ilusões e dos erros. Há produção da própria consciência” (LEFEBVRE APUD SOBARZO, 2006, p7)

Existe uma questão residual na Place Saint Paul onde estão implícitas maneiras de fazer e criatividade que “constituem as mil práticas pelas quais usuários se reappropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio-cultural chegando a compor em última instância a rede de uma antidisciplina” (CERTEAU APUD SOBARZO, 2006, p.12)

Fazem parte dessa antidisciplina aquele que urina atrás da árvore e aqueles que passam a tarde fumando e bebendo e pedindo dinheiro. Assim como o homem misterioso que está sempre na esquina desde manhã cedo. Eles são agentes que corroem a rotina com seus modos de fazer o cotidiano.

Todas as diversas maneiras de apropriação da praça que foram comentadas constituem uma superação da racionalidade planejada e dominante que tenta se impor na cidade. E o cotidiano é um dos lugares dessa superação, o lugar do novo onde as coações, mas também as insurreições estão presentes.

Assim o cotidiano deve ser entendido como “(...) um campo e uma renovação simultânea, uma etapa e um trampolim, um momento composto de momentos (necessidades, trabalho, diversão – produto e obras – passividade e criatividade- meios e finalidade, etc.) interação dialética da qual seria impossível não partir para realizar o possível (a totalidade dos possíveis)” (LEFEBVRE APUD SOBARZO, 2006, p. 14)

As práticas cotidianas permitem fazer salto escalar: sair de dentro da família e ir para a cidade. São nesses momentos de criatividade e inversões que o feitiço se volta contra o feiticeiro e as contradições entre espaço concebido e espaço vivido se tornam mais patentes. Ressaltamos, entretanto, que também são nesses momentos que os urbanistas, assim com os geógrafos ou qualquer cientista da cidade, deveriam se deter para tirar partido dessas



incursões das maneiras de fazer o cotidiano revelado numa prática espacial e numa forma de apropriação.

Como seria para o urbanista instrumentalizar a praça para tornar mais legíveis seus diversos conflitos e as diversas formas de ação que visassem um espaço mais inclusivo menos fragmentado e por sua vez menos fragmentante. O que seria pensar o espaço da Praça Saint Paul como mais inclusivo? Aquele espaço trata-se de um espaço inclusivo?

O espaço inclusivo não é necessariamente o oposto ao espaço da exclusão social numa relação de linearidade. Visto que não basta dizer que no espaço não há exclusão social para que ele se torne inclusivo. O que chamo de “espaço inclusivo” é o espaço da alteridade. Onde o encontro com o “outro” e suas estranhezas, se faz de maneira quase natural. E digo “quase natural” porque não há encontro com o “outro” sem nenhum tipo de perturbação perceptiva, cognitiva, sensorial, etc. Construir um espaço como esse não significa também construir um espaço onde tudo seja permitido. Não é uma questão de permitir tudo, mas de negociar tudo. Retornemos ao conceito de “ágora” do espaço grego, segundo o qual é no espaço público que se legitima o homem político assim como também suas práticas. E essa negociação do espaço inclusivo não se deve ser pensada somente no sentido de se procurar o consenso, mas acima de tudo o dissenso, o momento da confrontação de um com o outro, a tensão da demarcação dos respectivos limites. O espaço inclusivo é por excelência político, mas isso não nega, ou não deveria negar o jogo, o lúdico, a poesia, o conceito de belo e de arte. É através dessas esferas que a enunciação do que se pretende é colocada no palco do que é público, na arena das disputas. Pensando em HABERMAS (1997) e ARENDT (1999; 2010), como seria um jogo de enunciação da fala dentro desse espaço de negociação? E o jogo em suas relações com a arte, como poderia estar exteriorizado, exposto, construído, e constitutivo desse espaço?

Acima de tudo como seria pensar na disciplina dos urbanistas num espaço que permita a expressão, apropriação de todo e qualquer homem como na legitimação de seus atos através desse espaço na construção de um bem comum, de uma coisa pública com o destino de voltar a fazer parte da ágora como um instrumento que também pode ser utilizado pelo “outro” em sua tomada de consciência como ser político, como ser pensante.

O Espaço Inclusivo deveria ser essa possibilidade de tornar todos esses sonhos em realidade, de trazer das diversas camadas que compuseram a cidade, suas memórias, as



histórias de seus agentes e atores e reviver isso de acordo com aquela tomada de consciência que torna um habitante em cidadão. E esse espaço deveria ser um dos instrumentos através dos quais, esse processo se tornaria possível. Não seria mais somente o ponto de vista do urbanista, ou dos especuladores a fazer a cidade, mas acima de tudo o olhar dos diferentes, o mítico, o louco, o surdo, como também dos comuns: o trabalhador e o vagabundo.

Os “donos do banco” expressam de certa forma tudo isso. Um processo de subversão, uma questão residual da qual os urbanistas não dão conta, mas que revela as contradições do ambiente construído em suas relações com a sociedade.

Os diversos ambientes da Praça Saint Paul permitem a existência dessas estranhezas da qual os planejadores não dão exploram em suas pranchetas. Nesse espaço de estranhamento há a possibilidade de reconstrução de códigos onde mais uma vez o corpo está presente. Como também o conceito de apropriação.

Estranhamento que não nos permitiu decifrar quem era aquele homem na esquina mas que nos permitiu identificar o grupo de freqüentadores da Praça que a utilizam como palco e cenário de suas atuações. E de perceber suas pequenas subversões. Universo indefinido mas infinito de possibilidades onde talvez pudesse ser possível o sonho de uma cidade mais inclusiva, de um retorno à praça enquanto ágora.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, 238 p.

----- . **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 407p.

BALAY, O. Les chorographies de l'urbanité sonore. **Géocarrefour**, Lyon, vol. 78, n. 2 , pp. 159-165, 2003 disponível em:< <http://geocarrefour.revues.org/index253.html>> Acessado em 3 de agosto de 2011.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) **Escritos de educação**, 3^a ed., Petrópolis: Vozes, 2001, pp.73-79.

BRUSLÉ, T. Rendre l'étranger familier: Modes d'appropriation et de catégorisation de l'espace par les migrants népalais en Inde . **Revue européenne des migrations**



internationals, Paris, vol. 26, n. 2, pp. 77-94, 2010, disponível em: <www.cairn.info/revue-europeenne-des-migrations-internationales-2010-2-page-77.htm> Acessado em 10 de agosto de 2011.

FOURNIER, J. et alli. L'appropriation socialement différenciée de l'espace urbain de Maracaibo (Venezuela). **Norois**. Nantes, vol 195, PP. 43-58, 2º sem 2005, disponível em :<<http://norois.revues.org/501>> Acessado em 11 de julho de 2011.

GRISELIN, M; ORMAUX, S. Pour une approche paysagère des espaces polaires. **Norois**, Nantes, vol. 194, PP. 109-123, 1º sem 2005, disponível em: <<http://norois.revues.org/682>> Acessado em 8 de julho de 2011.

HABERMAS, J. **Direito e democracia**, Volume I. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, 330 p.

MEBIROUK, H. et alli. Appropriations de l'espace public dans les ensembles de logements collectifs, forme d'adaptabilité ou contournement de normes ? **Norois**, Nantes, vol 195, pp. 59-77, 2º sem 2005, disponível em <<http://norois.revues.org/513>> Acessado em 15 de julho de 2011.

RIPOLL, F. S'approprier l'espace... ou contester son appropriation ? **Norois**. Nantes, vol. 195, pp. 29-42, 2º sem 2005, disponível em: <<http://norois.revues.org/489>> Acessado em 11 de julho de 2011.

RIPOLL, F; VESCHAMBRE, V. Introduction , **Norois** . Nantes, vol 195, pp. 7-15, 2º sem. 2005, disponível em: <<http://norois.revues.org/477>> Acessado em 11 de julho de 2011.

SOBARZO, O. A produção do espaço público da dominação à apropriação. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 19, pp. 93 - 111, 2006.

VESCHAMBRE, V. Le recyclage urbain, entre démolition et patrimonialisation : enjeux d'appropriation symbolique de l'espace. **Norois**, Nantes, vol. 195, pp. 79-92, 2º sem 2005, disponível em:<<http://norois.revues.org/548>> Acessado em 4 de julho de 2011.